

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM PRÁTICAS DOCENTES
NO ENSINO FUNDAMENTAL

JANICLEIDE FEITOSA MAIA SIMÕES

PROJETO DE INTERVENÇÃO

SANTOS/SP
2019

JANICLEIDE FEITOSA MAIA SIMÕES

**PARA ALÉM DAS REPRESENTAÇÕES DE INDISCIPLINA E
DECURRÍCULO: E AS CRIANÇAS COMO FICAM?**

Projeto apresentado à Universidade Metropolitana de Santos –UNIMES como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Mariângela Camba

**SANTOS
2018**

INTRODUÇÃO

Em decorrência da apresentação de um produto final do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos, a partir da pesquisa que foi realizada e de seus resultados obtidos durante o processo, pretendeu-se utilizar das informações decorrentes da pesquisa para discutir, fomentar e desenvolver um plano de ação como proposta de intervenção denominado “Indisciplina escolar possibilidades e intervenções”

O plano de ação a ser desenvolvido em forma de um projeto de intervenção será totalmente gratuito e terá, como público-alvo, diretores escolares, coordenadores pedagógicos, professores enfim os profissionais que atuam na escola que lidam diretamente com os alunos, com o objetivo de desenvolver ações e reflexões a respeito do tema da indisciplina escolar

Assim, ressaltaremos aspectos da pesquisa realizada e da literatura que fundamentam a relevância da presente proposta.

A pesquisa teve como foco principal, a análise da indisciplina no ambiente escolar e suas implicações. Para isso procurou investigar os principais conceitos de indisciplina, seu histórico, e de que maneira estes se manifestavam no ambiente escolar, assim como estes interferiam na prática docente e na interação com os alunos, ainda procuramos averiguar as ligações existentes entre currículo e a indisciplina na atualidade.

A principal motivação para desenvolvermos esta pesquisa foi a observação da indisciplina no próprio ambiente escolar. Ao longo das leituras e reflexões a respeito do assunto observamos que este não era um problema local e sim universal.

Os conflitos gerados através da indisciplina dos moveram a um plano de ação como produto de intervenção, No decorrer de toda essa análise, observamos através destes estudos que é de grande importância aprender a lidar e trabalhar com os conflitos e intempéries causadas pela indisciplina é uma prática extremamente importante e necessária na formação do professor para mediar e solucionar problemas causados pela indisciplina dos alunos.

Assim, como resultado do levantamento dos dados de uma pesquisa, presente proposta de intervenção representa a culminância da dissertação apresentada no curso de Mestrado Profissional, intitulada “ Para além das representações de indisciplina e de currículo: E as crianças como ficam escolar? Em termos metodológicos, o método utilizado consistiu no estudo de caso, com abordagem qualitativa

A pesquisa tem como objetivo refletir sobre o fenômeno da indisciplina na escola e como ele se manifestava nos diversos segmentos do ambiente escolar .

Nesse sentido, como hipótese tínhamos que a representação do sujeitos da escola, assim como na sociedade não mudou ao longo dos tempos. As concepções de indisciplina, se mantém cristalizadas no senso comum, não superando a concepção autoritária das relações entre professor e aluno, sendo o ultimo culpabilizado, pois os educadores por vezes parecem desconhecer a relação entre currículo e indisciplina

O estudo foi estruturado a fim de analisar se os professores e equipes pedagógicas realmente tinham clareza das concepções de indisciplina e currículo e se realmente compreendiam como currículo e indisciplina se inter-relacionavam.

A pesquisa referida anteriormente que culminou neste projeto foi ancorada em nossa experiência profissional como docente de duas redes públicas de ensino fundamental, em cuja rotina de trabalho presenciamos a complexidade intrínseca da indisciplina, suas desastrosas consequências e os múltiplos desafios que requer dos Educadores a mediação estratégica da mesma no processo educativo e que compreendem os atos de indisciplina os quais, segundo Estrela (1994) citada por Parrat-Dayan (2015, p. 27) podem ser agrupados em três categorias:

- O primeiro tipo de indisciplina caracteriza-se pela intenção de escapar do trabalho escolar considerado fastidioso, pífio, desinteressante ou muito difícil. Evitar o trabalho escolar é, para o aluno a razão da indisciplina.
- O segundo contorno de indisciplina tem como objetivo a obstrução. A indisciplina tende a impedir parcial ou totalmente o normal desenvolvimento do curso dado pelo professor.”

- Na política indisciplinar do sistema educacional e político, a terceira modalidade da indisciplina é militante e mercante, nela pretende-se renegociar as regras e se caracteriza por um protesto contra as regras e as formas de trabalho. Trata-se aqui de denunciar um contrato implícito que funciona na aula sem que a opinião dos alunos tenha sido levada em conta.

Dados da pesquisa

Finalizando a pesquisa aos poucos fomos analisando os dados obtidos e fomos percebendo que os participantes da pesquisa não citaram somente uma determinada opinião específica a respeito da indisciplina e de comportamentos indisciplinados, mas apontaram inúmeros comportamentos que julgaram ser indisciplinados. Notou-se então que geralmente as percepções encontradas nos depoimentos dos participantes remetiam as evidenciadas por Estrela (2002), LaTaille (2013), Aquino (1994), que ligavam a indisciplina aos comportamentos que se contrapõem às regras, normas organizadas para o bom andamento das atividades realizadas na escola, contudo em compensação, disciplina é compreendida como comportamento adequado e obediência às regras, qualidades apresentadas como indispensáveis para obtenção dos objetivos pedagógicos e ao desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Assim, a compreensão de indisciplina parece permanecer carregada da carga tradicionalista da educação. Percebemos que os educadores que concordam com essa maneira de pensar, precisam compreender que os tempos são outros e os alunos também.

Devido os resultados levantados notou-se que quase sempre relacionava a indisciplina a inúmeras e diferentes causas relatados dos depoimentos, estes citam como principais fatores responsáveis pela indisciplina: as transformações sucedidas na sociedade, mídia, legislação e familiares como os principais fatores que desencadeiam a indisciplina escolar. Percebeu-se também uma inclinação à psicologização a procedência da indisciplina (tipicos dos alunos como falta de limites, a falta de concentração, apatia durante as aulas, desinteresse pelos estudos e atividades apresentadas, falta motivação), com relação aos demais aspectos.

Descobrimos que são inúmeros os fatores que podem causar a indisciplina, acreditamos que os participantes ao atribuírem a família como sendo a causa fundamental e desencadeadora da indisciplina, não compreendem ou tem desconhecimento das varias causas que compõem o fenômeno e de alguma forma também se excluem da obrigação de buscar outras causas e soluções, não pensando a respeito de sua parcela de responsabilidade e contribuição para solução do problema e também na ocorrência da mesma. Ao lidar com fenômenos complexos como a indisciplina é necessário que a reflexão esteja presente em todo o processo de forma que, através dessa reflexão se possa buscar o conhecimento das razões e os inúmeros fatores que contribuem para o processo de seu desenvolvimento no ambiente escolar atual.

A falta de estrutura da escola, de materiais, e até do engessamento para realização de atividades diferenciadas como aula fora da sala ou passeios pelo bairro, aulas desestimulantes, dadas por alguns professores, que não despertam interesse nos alunos, como fatores desencadeadores da indisciplina.

Outro ponto que chamou-nos atenção foi observarmos que alguns professores utilizam-se de propostas como ditados de textos e escritas extensas na lousa, fatores que ao nosso ver nos pareceram ser desestimulantes e exaustivos durante as aulas. Todos nós sabemos que o aluno de hoje não é o mesmo do passado que o aluno é outro e que os tempos também são outros, tempos estes que requerem do mestre o desdobramento também de práticas instigantes, de tal maneira que os alunos se envolvam nessas práticas e estudos tomando gosto por estes.

Através do levantamento vimos que a desobediência as regras também é um dos grandes desencadeadores da indisciplina, assim como a falta de esclarecimentos também a exigência das mesmas, além da falha de autoridade por parte de alguns professores e até mesmo da própria escola desde os primeiros dias de aulas. Constatamos o que discorria a literatura a respeito das regras, as quais segundo os autores, elas eram fundamentais para a organização, a boa convivência e respeito mútuo na escola, mas essas mesmas regras devem ser explicadas, expostas para todos, para Parrat-Dayán (2015) é importante que preferencialmente essas regras realmente

sejam construídas em conjunto com o público escolar de forma que se sintam participantes e co-construtores dessas regras, assim se tornam significativas para eles, ao ponto de irem adquirindo responsabilidade.

Para que haja o esclarecimento e explicação dessas regras é necessário que se criem momentos em comum na escola onde se possa debater, discutir, criar e clarear essas regras com os alunos, nesse sentido é interessante que sejam disponibilizados momentos para que oportunidades para que se possa refletir sobre essas regras, meios pelos quais haja a oportunidade dos alunos desenvolverem a prática do diálogo, da reflexão desse tema, que é a indisciplina, mas também que desenvolvam a prática do diálogo para outros assuntos e discussões também. A prática do diálogo é essencial para a vida em sociedade, para a convivência em grupo. Assim para (ESTRELA, 2002, p.24) “[..]saber conviver, colaborar, e compartilhar experiências e idéias uns com os outros é uma preparação para a vida democrática no mundo social.

A cidadania é, então, um produto da educação. O diálogo é a chave para o desenvolvimento do respeito e da cidadania através do diálogo e das discussões aprendemos a discutir e dialogar, para isso devemos saber primeiro as regras para tal.

Quanto às formas de lidar com às manifestações de indisciplina na sala de aula e na escola em geral apresentadas pelos professores e pela equipe da escola, os resultados da pesquisa mostraram que são utilizadas algumas ações na prevenção e correção, entre essas ações segundo os participantes o diálogo, seguido do estabelecimento de regras logo nos primeiros dias e cumprimento dessas regras com os alunos é o principal meio mais utilizado como forma de prevenção. Alguns entrevistados até nos confessaram que já gritaram ou pediram para que o aluno se retirasse da sala, ou convocaram os pais para conversar.

Independente da disciplina ministrada ou do cargo exercido na equipe notamos que a maioria concorda que haja maior diálogo clareza e reflexão a respeito do currículo, porém apenas um dos participantes comentou a respeito da necessidade de constante aprimoramento da prática diante dos desafios diários, percebemos através da fala de alguns desses professores a angustia diante de um fenômeno tão complexo quanto a indisciplina, vimos que estes professores não esperam exatamente receituários para saber de que modo agir

perante as situações de indisciplina, mas acreditam que através das reflexões possa-se achar caminhos.

Ressaltamos que o saber lidar com a indisciplina não reside apenas na experiência ou na competência metodológica do professor, mas a mobilização de um conjunto de habilidades e diversidade de saberes, que envolvem habilidades interpessoais, habilidades na gestão da aula e tantos outros conhecimentos que o professor vai construindo ao longo de sua experiência profissional com as situações que vão surgindo no seu cotidiano. Discute-se pouco a respeito da indisciplina, declarar no meio pedagógico problemas com a indisciplina, soa como se muitas vezes o professor fosse incompetente.

Para Vasconcellos (2009), a falta de discussões nesse aspecto é uma falha que pode complicar o trabalho do professor, assim concordamos com o autor que na formação inicial do professor deveria incluir, (VASCONCELLOS, 2009, p. 33) “[...] uma reflexão mais sistemática e crítica sobre o problema que tanto inquieta o cotidiano, e objetivamente tem um papel fundamental no processo de aprendizagem e do desenvolvimento humano”. O contato com o tema poderia evitar um choque ao lidar com a realidade ao não saber como agir diante desses desafios. Seria ideal que ao se abordar um problema complexo como a indisciplina que não a tratassem de maneira isolada, mas que trabalhassem em conjunto com o referencial teórico acerca da indisciplina, na articulação entre teoria e prática diária.

Notamos que há experiências práticas desenvolvidas por alguns professores percebidas durante o levantamento de dados, que trazem resultados que funcionam na sala de aula e que seriam interessantes que fossem compartilhadas entre os demais do grupo de professores e equipe, seria interessante que houvesse essa troca entre o grupo, pois embora os professores mais experientes tenham adquirido ao longo da carreira diversos saberes através de sua experiência da prática diária, muitas vezes não há tempo de reflexão, diálogo, troca de experiências com seus colegas de trabalho, esse momento de reflexão entre o grupo proporcionaria a expansão de idéias na busca de mudanças e transformações na prática frente à indisciplina, ótima oportunidade de expor as dificuldades e idéias.

Observamos durante essa pesquisa que há muito desconhecimento com relação ao currículo e também muitas suposições a respeito dele, poucos são os professores e membros da equipe que conseguem falar com clareza a respeito dessa temática, que deveria ser melhor esclarecida, discutida no dia-a-dia da escola, devido a sua extrema importância. Não queremos aqui culpabilizar a escola no sentido de dar mais informação para o seu grupo a respeito desse assunto, até porque como notamos nesse estudo, que muitas vezes o responsável por desenvolver esses temas também não se encontra preparado para tal feito, mas talvez buscar, promover o acesso ao caminho para esclarecimentos e investigações em conjunto.

Sabemos segundo Vasconcellos (2009), que esse é um problema que se desenrola desde os cursos iniciais de formação de professores, onde o tema a respeito do currículo por vezes não é dado devida importância, problema este que se arrasta e desemboca na escola.

O problema da indisciplina é complexo, e é um desafio proposto à todos nós. Cremos que a partir de todo um processo contínuo de reflexão, entre professores, equipe, isto é a comunidade escolar possa-se descobrir diferentes caminhos que tornarão possíveis que o ambiente escolar seja um local de participação, diálogo, e produção do conhecimento, que é o verdadeiro papel e sentido da escola. Assim se almejamos alguma mudança por parte da comunidade escolar com relação ao enfrentamento dessa problemática, acreditamos que este tema saia da sala dos professores e ganhe maior espaço nas discussões, nos htps, nos cursos, nas universidades, nos congressos, de forma que seja mais devidamente abordado e discutido nas suas inúmeras dimensões, seja elas psicológicas, históricas, econômicas, pedagógicas.

Para Parrat-Dayan (2015, p. 139): “A indisciplina é um sintoma de má adaptação do sistema escolar às necessidades de cultura e saber da sociedade atual. Com vontade, recursos e coragem política poderíamos solucionar muitos dos problemas [...]”

Arroyo (2000, p. 56) destaca que “ [...] se é verdade que as novas gerações brasileiras não querem aprender é porque chegaram a um grau de desumanização tal que a curiosidade, a vontade de aprender a ser, de experimentar a vida [...] está sendo quebrada na infância.”

Assim por esse ângulo, o autor afirma que o grau de desumanização pode ser considerado enorme, de tal maneira que poderíamos imaginar que os alunos teriam perdido o comprometimento e principalmente, o anseio para experimentar a vida, e o que é pior, é que isso tudo tem iniciado muito cedo, ainda na infância.

Ao ouvirmos os relatos de vários professores nota-se que há uma preocupação recorrente e comum entre eles, o desinteresse pela aprendizagem ou a falta dele. Os educadores frequentemente costumam relatar que os alunos já não estão interessados na aprendizagem, que realmente não querem nada e não têm se preocupado com o processo educativo.

Nesse sentido, através da pesquisa que foi realizada e através da observação de que os problemas de indisciplina manifestam-se geralmente nas salas de aula, nas escolas, sendo assim, este, um dos maiores obstáculos pedagógicos da educação dos nossos tempos que dificulta o bom andamento para uma melhor qualidade do ensino.

Consideramos que os Educadores são capazes de atuarem nos processos orientados para a promoção efetiva do ensino e da aprendizagem na Unidade Educacional, como a principal forma de assegurar a formação democrática para a cidadania, fundamentada segundo Parrat-Dayán (2015, p. 52) “no respeito à liberdade de opinião e de expressão, no debate democrático, no desenvolvimento da autonomia e do espírito crítico.”

Embora em nossa vivência profissional tenhamos observado que os Educadores e a própria Unidade Educacional demonstrem um sentimento de impotência para lidar com a indisciplina a qual, vem ocupando um grande espaço na dinâmica do contexto escolar e gerando insatisfação na comunidade escolar, é preciso fazermos valer nossa capacidade de gerenciar esses conflitos e administrar os atos de indisciplina que nos impedem de exercermos com êxito, a função docente e causam prejuízos irreversíveis ao processo educacional.

Conforme Vasconcellos o problema da indisciplina não é algo que apareceu agora, é uma questão que existe desde os primórdios: “Questões de indisciplina escolar, sempre as tivemos: há registros históricos de mais de 2 mil anos antes de Cristo com queixas sobre o comportamento das crianças e dos

jovens nos estudos”. A indisciplina tem permeando os discursos de professores e gestores desde sempre, como forma de justificar o “desinteresse” dos alunos, e seu comportamento durante as aulas, principalmente nas últimas décadas. (VASCONCELLOS, 2009, p. 24).

Embora não seja uma problemática somente da atualidade a indisciplina aos poucos tem conquistado significativa atenção nas obras, nas pesquisas acadêmicas e nas publicações a respeito do assunto. Sendo assim, surgem cada vez mais, exposições de teses e dissertações acadêmicas que dizem respeito a indisciplina escolar, e este crescimento, segundo Vasconcellos, vem contribuindo para dar mais identidade e para deixar de ser somente uma questão de opinião e passando a se firmar como ciência (Ibid., p. 24).

Por outro lado, Singer (1995) destaca que a escola já não correspondia às necessidades ou expectativas dos educandos e essa inadequação provavelmente se tornou muito maior com a massificação do ensino, ou seja, quando a escola passou a atender a uma nova clientela, de extração social distinta.

Confirmando esse pensamento, Parrat-Dayán (2015, p. 5) diz que: “Se a escola muda pouco, podemos dizer que, na atualidade, foi o contexto que mudou, as crianças, que mudaram e a sociedade que se transformou.” Assim sendo, o público escolar não é mais o mesmo de anteriormente. Como consequência dessas mudanças uma questão importante fica em evidência na escola, a indisciplina.”

Então Parrat-Dayán (2015), declara que se é verdade que sempre houve problemas de indisciplina, nosso desconhecimento enquanto educadores, das fronteiras entre disciplina e indisciplina fez com que esta última permeando o contexto escolar, se tornasse um motivo de investigação científica, pois se tornou um termo fundamental da educação.

Ao perceber como era complexo e abrangente este tema restringimos nossos estudos a pesquisar a indisciplina dos alunos pertencentes ao grupo-classe do 7º ano do ensino fundamental II, devido a apresentação de um número maior de incidências e reclamações daquilo que se declara como indisciplina pelos educadores, que ministram aulas na escola (UME) que utilizamos como amostragem para a pesquisa.

Através da observação do contexto escolar da da turma escolhida e das participação dos gestores e dos professores que foram entrevistados e que, juntamente com os alunos foram os sujeitos da pesquisa pudemos levantar dados suficientes para a pesquisa e para o projeto de intervenção. O alvo utilizado para observação e descrição foram os processos de interação desenvolvidos naquele ambiente de sala de aula.

NOME DO CURSO “Indisciplina escolar possibilidades e intervenções”
PÚBLICO ALVO: Diretores Escolares, assistentes de direção, Coordenadores pedagógicos, Professores, Orientadores.
VAGAS: professores da escola do período.
CARGA HORÁRIA: 30 Horas
PROFESSOR RESPONSÁVEL: Janicleide Feitosa Maia Simões
INSCRIÇÃO: Ficha de inscrição realizada na própria escola durante horário de htpcou hti e entregue aos coordenadores, que encaminharão ao professor que será responsável pelo curso
Entrega digitalizada dos documentos: <ul style="list-style-type: none">▪ RG.▪ CPF.▪ Comprovante de residência.▪
ORGANIZAÇÃO DOS MODULOS: 03 Módulos 03 Atividades Avaliativas

PRÉ-REQUISITOS:

Conhecimentos básicos de informática.

Acesso à internet. .

Caixas de áudio ou fone de ouvido.

Sistema operacional Windows.

CERTIFICAÇÃO: Desde que autorizado o curso pela secretaria de educação o certificado será emitido pela prefeitura de Santos.

O curso será organizado por Módulos compostos por dinâmicas, aulas texto, vídeos, bate papo, e atividades avaliativas.

Módulo 1 – Políticas Públicas Educacionais do Direito à Educação à Indisciplina
Políticas Públicas.
Políticas Educacionais.
Vídeo
Textos
Atividade Avaliativa.

Referencial Teórico:**POLÍTICAS PÚBLICAS****Importância das políticas públicas – políticas educacionais**

Neste módulo apresentaremos em síntese, a contextualização histórica das políticas públicas educacionais como diretrizes ou linha de ações no Brasil e seus processos de desenvolvimento. Nessa perspectiva através de textos e vídeos demonstraremos como os processos de implementação dessas

políticas públicas foram por vezes, vagarosos e até inexistentes, devido a deficiência de investimentos na Educação. Este módulo foi baseado e apoiado nas reflexões de: Almerindo(2001)´Araújo(2011), Savianni(2008), Singer(1988);(1996)..

INTRODUÇÃO

As políticas públicas educacionais são decisões tomadas pelo poder público, segundo Saviani (2008) são decisões que o Estado toma que dizem respeito à educação, decisões que ao longo de seu histórico foram marcadas por muitas limitações de duas características estruturais desde seus primórdios: a resistência da elite detentora do poder sempre se opondo a manutenção da educação pública e a descontinuidade das ações tomadas pelo Estado.

Uma história de idas e vindas com relação as políticas adotadas na educação no Brasil, principalmente na parte do orçamento destinado à educação que sempre foi inconstante desde a época dos primeiros professores jesuítas que aqui aportaram, os quais acabavam ficando sem dinheiro para as roupas pois tinham que tirar dinheiro de suas alimentações e vestimentas para as construções, pois o reino não mandava dinheiro para as obras . A primeira escola pública do Estado portanto, começou a ser pensada, cerca de duzentos anos depois somente em, 1772, com a reforma pombalina .

O histórico da educação no Brasil revela-nos que devido á orçamentos inconstantes e mínimos destinados a educação, e o descumprimento de leis promovidas pelo próprio Estado, nos fizeram atravessar o século XIX sem avanços relevantes na área da educação.

Nesse sentido Singer (1995) discorre também sobre essa massa dominante, que segundo a ideologia liberal a premissa era a de que os ganhadores obtinham a preferência dos compradores por servi-los melhor, e com mais parcimônia e sabedoria utilizariam melhor o excedente de renda que lhes pertencia, estes eram totalmente contra transferir parte do excedente dos ganhadores para os perdedores, acreditavam que esse tipo de ação poderia trazer complicações para toda sociedade pois seria um desestímulo para os

ganhadores e para os chamados perdedores uma anulação de suas perdas. Já na ideologia democrática o pensamento era de que perdedores e ganhadores já eram predestinados e pré-determinados, e que as políticas deveriam ser feitas para suavizar essas diferenças discrepantes ou tudo poderia ficar muito pior, aprofundando-se as diferenças.

Daí as reivindicações democráticas da universalização não apenas dos direitos políticos de votar e ser votado, mas também do acesso a educação e ao seguro social de saúde, de velhice, de morte, de acidentes de trabalho e de desemprego (Singer, 1996, p.7)

E foi a partir dessas reivindicações de bem estar social que a universalização da educação começou a ser implantada em diversos países. Conforme Singer (1996) a geração de adultos, nos países de primeiro mundo, foi possivelmente a primeira geração que teve acesso ao ensino básico. Porém somente nos anos dourados, em período pós-guerra que as classes mais desprivilegiadas puderam ter acesso a um bem estar social, que apenas as classes dominantes podiam desfrutar até então, os gastos e investimentos nessa área, feitos pelo governo contribuíram de forma relevante para transformações extremamente importantes como o aumento de níveis de consumo e escolaridade comparáveis aos das classes mais privilegiadas.

No Brasil como sempre mais tardiamente, os fundamentos da universalização começavam a ser desenvolvidos desde a década de 30 até 70, apesar do Brasil não ter passado pelos anos dourados que ocorreram nos países de primeiro mundo, atravessamos por um período que entre 1968 e 1976, que foi chamado de milagre econômico, no qual sistemas de grande abrangência parecidos com a universalização de ensino, saúde, e previdência foram criados.

A partir da década de 1930, com o incremento da industrialização e urbanização, começa a haver, também, um incremento nos índices de escolarização, sempre, porém em ritmo aquém do necessário à vista dos escassos investimentos. (Saviani, 2007, p.10)

Conforme Saviani (2008), o percentual destinado à educação ficou sempre no vai e vem, chegando até a ser extinguido na Constituição Federal Militar de 1967, e retornando na atual Constituição Federal de 1988, que

reestabeleceu a vinculação e fixou o percentual de 18% para união e 25% para os estados e municípios .

A intervenção do Estado teve, assim, um papel importante e decisivo na gênese desenvolvimento na escola de massas (enquanto escola pública, obrigatória e laica) e esta não deixou de ter reflexos importantes na própria consolidação do Estado (Almerindo, 2001, p.17)

A Constituição Federal de 1988 foi de extrema importância porque através dela foi determinado que o Poder Público nas suas três instâncias (a União, os estados e municípios) deveria pelos dez anos seguintes, destinar 50% do orçamento educacional para uma dupla finalidade que era universalização do ensino fundamental e a erradicação do analfabetismo. Nesse sentido Arroyo ressalta:

O ideal de humanidade vem variando com o avanço civilizatório, com as lutas pelos direitos. Queremos que todos participem desse ideal desse projeto. Que seja garantido à todos e a todas o direito a ser gente, a passar por esse aprendizado. A Educação Básica universal como direito situa-se nessa história de luta pelo direito de todos a ser gente. Este é o fio condutor das lutas sociais políticas pelos direitos humanos, ou melhor, pelo direito básico, universal, a sermos plenamente humanos. (Arroyo, 2000, p.53)

Os recursos, além de pouco e mal utilizados, destinados à educação no Brasil junto com a luta constante do povo em busca dos direitos sociais, tem colaborando para que a universalização da educação venha sendo progressivamente colocada em prática, diferente do passado onde somente uma elite chegava a escola. Agora quase que cerca de 100% das crianças e adolescentes das classes mais desprivilegiadas estão na escola.

A LDB 9394/96 inspirada na Constituição Federal de 1988, determinou que o ensino básico seria a partir de então seria obrigatório, e que todos, deveriam estar na escola. Como podemos observar, ocorreu o aparecimento de um novo público na escola, a obrigatoriedade trouxe à escola aqueles marginalizados, das classes mais humildes que nunca tinham estado numa sala de aula. Querendo ou não todos deveriam estar na escola. Aos poucos com esse advindo da universalização, já não se tem aquela pequena minoria na escola, agora a educação é um direito de todos. Conforme o art. 5º da LDB, o acesso à educação básica é direito público subjetivo e qualquer pessoa pode acionar o poder público para exigí-lo, e se de alguma forma esse direito não for

garantido através do oferecimento do ensino obrigatório, a autoridade competente poderá ser imputada por crime de responsabilidade.

O ideal de humanidade vem variando com o avanço civilizatório, com as lutas pelos direitos. Queremos que todos participem desse ideal, desse projeto que seja garantido a todos e a todas o direito a ser gente, a passar por esse aprendizado. A Educação Básica universal como direito situa-se nessa história de luta pelo direito de todos a sermos humanos. Este é o fio condutor das lutas sociais e políticas pelos direitos humanos, pelo direito básico, universal, a sermos plenamente humanos.(Arroyo, 2000, p.53)

Podemos observar que essa história de todos na escola é bem recente no Brasil, e que a entrada das massas contribuiu para acentuar problemas que já existiam antes em menor grau na escola tais como: a indisciplina e o desinteresse ou a apatia na escola. Segundo Parrat (2008) geralmente se diz que a escola atual é muito permissiva em comparação ao rigor e a qualidade da escola do passado e esta seria uma das causas da falta de respeito, que geraria mais indisciplina, pensando assim desta maneira sem analisar o contexto, é fácil dizermos que o que tínhamos antes era melhor.

Mas, se contextualizarmos nosso pensamento, perceberemos que as coisas não são assim tão simples. Antes a escola era elitista e segregacionista. Hoje, a escolaridade obrigatória, estendeu-se a mais de 6 e 7 anos. Antes o funcionamento da escola era militarizado, havia que fazer fila, frequentemente pedia-se uso de um uniforme e tinha-se com todas as figuras escolares uma relação de medo e de pressão, o que mostra quão hierarquizado era o espírito da época. Essa escola funcionava com base no castigo e na ameaça. Se hoje vivemos uma época de abertura democrática, é normal que as relações na sala de aula mudem. (Parrat, 2015, p. 65)

Alguns autores como Arroyo, 2000; Antunes, 2015; Aquino, 1994 consideram que nem tudo que ocorre numa sala de aula pode ser considerado como ato de indisciplina, como no passado. Porém ressalta Parrat (2015, p.64) que é necessária uma relação de respeito para poder trabalhar. Hoje o respeito ao professor não costuma ser resultado do medo ao castigo, mas da autoridade que ele possui como profissional.

Módulo 2 – A Indisciplina no contexto escolar: o grande desafio da educação contemporânea
--

Textos introdutório e reflexivo acerca do que seria indisciplina na atualidade
--

Diálogos a partir das experiências reais e pessoais acerca da indisciplina
Reflexão de possíveis estratégias a respeito da indisciplina
Vídeos com relatos
Atividade Avaliativa.

Referencial Teórico:

A Indisciplina no contexto escolar: o grande desafio da educação contemporânea

O módulo II intitulado “A Indisciplina” explanou sobre os conceitos de indisciplina e como esse conceito se modificou de acordo com o contexto, o momento histórico da Escola pública de Educação Básica, vinculado à função social que a escola deve cumprir. A fundamentação deste módulo se deu nos entrelaçamentos com os aportes teóricos encontrados sobre a temática da indisciplina no contexto escolar, por meio dos estudos de: Antunes (1996), Aquino (2015), Estrela (2002), La Taille (1944) Parrat-Dayan(2015), Vasconcellos (2009).

A INDISCIPLINA

A indisciplina no meio escolar, talvez seja um dos grandes desafios para a educação contemporânea embora esse não seja um assunto novo para a escola, os olhares estão mais direcionados para essa temática na atualidade do que no passado. Fala-se hoje à respeito de indisciplina como um dos principais problemas que atrapalham a aprendizagem, um dos problemas fundamentais da educação. É um dos assuntos, que ecoam a todo momento na sala dos professores e fora dela também, o assunto mais comentado durante os intervalos e reuniões, e isto se deve ao fato deste, ser um dos maiores entraves no desenvolvimento das aulas para os professores.

O aumento da indisciplina é um fato, porém não há apenas uma causa principal ou única para seu crescimento, porque as causas podem ser internas ou externas a escola.

As causas externas podem ser vistas na relativa influência dos meios de comunicação, na violência social e também no

ambiente familiar. O divórcio, a droga, o desemprego, a pobreza, a moradia inadequada, a ausência de valores, a anomia familiar, a desistência por parte de alguns pais de educar seus filhos, a permissividade sem limites, a violência doméstica e a agressividade de alguns pais com os professores podem estar na raiz do problema. (PARRAT-DAYAN, 2015, p.56).

Como podemos notar, segundo Parrat-Dayan (2015) as causas externas à escola são inúmeras, porém, não são as únicas causadoras de indisciplina, há também as causas internas que são percebidas no ambiente escolar, nas condições de ensino-aprendizagem, no relacionamento entre professor e aluno, na adaptação ou não do ambiente escolar e o próprio perfil dos alunos.

A falta de motivação dos alunos, a ausência de regras que permitam uma distribuição equitativa da comunicação, a falta de consideração com os ritmos biológicos das crianças e a falta de autoridade do professor são todas elas, causas da indisciplina. (PARRAT-DAYAN, 2015, P.56)

A (in) disciplina é um tema que é próprio da escola, mas que também atravessa os muros dela, com inúmeras causas internas e externas a si mesma, a união dessas causas resulta em um caos na sala de aula, incomodando primeiramente os professores e sucessivamente outros profissionais do ambiente escolar, na verdade todos estão envolvidos ou são afetados de alguma maneira por ela.

É relevante, antes de prosseguir, clarear o conceito de indisciplina através dos tempos, e como este conceito se modificou dependendo do momento em que se situou na história. Observemos o que diz:

Há, assim uma disciplina familiar como há uma disciplina escolar, militar, religiosa, desportiva, partidária, sindical...Embora cada tipo de disciplina tenha a sua especificidade, todos eles se inscrevem num fundo ético de carácter social que é resultante de uma certa mundivivência, concorrendo para harmonia social. Não se pode, assim, falar em disciplina ou em indisciplina independentemente do contexto sócio-histórico em que ocorre. Embora alguns conceitos pareçam atravessar os tempos e as sociedades, em relação a cada lugar e a cada tempo que assumem o seu significado específico. (ESTRELA, 2002, p.17)

É necessário discutir e clarear essa temática para melhor compreensão do assunto, pois entendemos ser necessário a reflexão sobre o que é de fato a disciplina, e o que o seu oposto.

Segundo Aquino (1996), nos relatos, os professores testemunham que a questão disciplinar é atualmente uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. A questão que aflora nestas discussões e nos estudos dos teóricos tem como foco discutir de que maneira se pode desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade, sem um mínimo de ordem durante a aula.

Pois o conceito de indisciplina na fala dos professores, aparece muitas vezes ligado a regras, ordem, limite e até a práticas de controle do comportamento. Tal fala remota ao modelo da escola tradicional, onde os professores eram os únicos detentores do conhecimento e os alunos deveriam permanecer inertes, quietos, obedecer às regras impostas, ao menos que fossem solicitados. Estrela (2002) contribui com esse significado através dos tempos:

De origem latina e tendo a mesma raiz que discípulo, é marcado pela sua polissemia. Se consultarmos um dicionário, verificamos que o termo, além de designar um ramo do conhecimento ou matéria de estudo, tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra. Essas conotações tendem a interpretar-se e, hoje, quando falamos de disciplina, tendemos não só a evocar as regras e a ordem delas decorrente, como as sanções ligadas aos desvios e o conseqüente sofrimento que elas originam. Por isso, para muitos o conceito adquiriu um sentido pejorativo. (ESTRELA, 2002, p.17)

Para, La Taylle (1994), disciplina é um conjunto de normas e a indisciplina pode ser explicada de duas formas: 1) a revolta contra essas normas e /ou 2) o desconhecimento delas. Observamos então que o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o conceito de disciplina, que conforme Estrela (2002) tende a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra de regras estabelecidas.

As normas e regras não são ruins, pois, segundo Parrat- Dayan estas são:

Espécies de instruções que orientam a conduta nas diversas situações sociais. Toda organização social possui uma série de normas ou regras que permite aos indivíduos viverem juntos. Essas regras não são inatas, são adquiridas em casa, na escola e na sociedade em geral. (PARRAT-DAYAN, 2015, p. 31)

A tarefa de construir regras e normas deveria ser uma ação comum a toda sociedade, na qual todos estão engajados, e não como acontece, onde um determinado grupo espera pelo outro para ensiná-las. Seriam como parâmetros, para nos direcionar e saber como agir em relação aos outros e em determinadas e diferentes situações da vida, de forma que houvesse uma melhor convivência de todos, pois, não vivemos sozinhos, convivemos todo tempo em comunidade, seja na escola, na igreja, no clube, no trabalho, no centro comunitário e em outros espaços.

Arroyo (2000) afirma que somente aprendemos a ser humanos em uma trama complexa de relacionamentos com outros seres humanos. Esse aprendizado só acontece em uma matriz social, cultural, no convívio com determinações simbólicas, rituais, celebrações, gestos. No aprendizado da cultura. Parrat-Dayan (2015, p. 70), declara ainda que “A vida social vai permitir o desenvolvimento da linguagem, das regras morais, lógicas e jurídicas”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 em seu art 2º, declara que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996). A educação tem como função social a garantia de ensinar os conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, conhecedor de seus direitos e deveres, que saiba se pronunciar, ouvir e considerar a opinião do outro, se pôr no lugar do outro para chegar a um ponto comum para ambas as partes, ou à todos. “Na verdade um aluno ou sala (in) disciplinada não considera o bem comum ou até o desconhece”. (LA TAILLE, 1994, p.10).

Para Antunes, uma sala indisciplinada é toda aquela que:

Não permite ao professor oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno; Não oferece condições para que os professores possam acordar em seus alunos suas potencialidades como elementos de autorrealização e preparo para o trabalho e exercício consciente da cidadania; Não

permite um trabalho consciente de estímulo às habilidades operatórias, ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras de formação de atitudes socialmente aceitas em seus alunos. (ANTUNES, 1996, p.10)

Desenvolver um trabalho de qualidade realmente não é fácil, diante do cenário atual, em que a maioria dos professores e escolas se encontram neste cenário, cenário esse de constantes interferências no decorrer das aulas por diferentes motivos: brigas, discussões, palavrões, concorrência com celulares utilizados indevidamente, fora de hora e sem a prévia autorização do professor, isto é, uma infinidade de interrupções durante a aula que nada tem a ver com o contexto da mesma. Nesse sentido, Aquino (2015), aponta que para os professores um dos obstáculos centrais é a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limite, mau comportamento, desrespeito a figura de autoridade.

É costumeiro ouvir de alguns professores, que no passado não era desta forma, e a (in) disciplina não era tão presente como nos dias atuais, que o aluno cumpria as regras na escola e com a suposta paz que havia na sala de aula era muito mais proveitoso o rendimento da aula e conseqüentemente o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. La Taille (1994) nos convida a refletir a respeito de algumas questões: ele diz que é necessário refletir sobre o porquê as crianças não obedecem, nem a seus pais, nem muito menos a seus professores? Exagero? É bem provável

Há dúvidas se antigamente as crianças e adolescentes obedeciam de fato, e se eram realmente tão disciplinados. Para tal comparação seria preciso trazer a superfície todo o contexto daquele período histórico atualmente, o que é impossível. Aquino (1998) assinala em seu discurso, que se queremos hoje retomar aquela escola do passado, com seu modelo, porque é nela que acreditamos, devemos estar conscientes que para tê-la de volta seria necessário trazer junto com ela todo contexto da época.

Nossa memória costuma aplicar alguns truques em nós. Às vezes, é muito fácil incorreremos numa espécie de saudosismo exacerbado, idealizando o passado e cultivando as lembranças de alguns fatos que não aconteceram ou que não se desenrolaram exatamente do modo como que nos lembramos dele. Portanto, se recuperarmos o modelo dessa escola do passado para cotejarmos nossos problemas pedagógicos atuais, precisamos recuperar também o contexto histórico da época, pelo menos em parte. Não é possível trazer

de volta aquela escola sem o seu entorno sociopolítico de então. (AQUINO, 1998, p. 3)

A própria história da educação relata que o conhecimento era transmitido para o aluno por intermédio, somente, da figura do professor, que detinha toda informação, e o aluno por sua vez recebia no seu canto, toda a transmissão de conhecimentos provinda do professor, num silêncio sepulcral sem questioná-lo, muito menos interrompê-lo, num momento de explanação; Porém se surgisse alguma dúvida em relação a determinado conteúdo, no ensino tradicional no passado, não seria tão fácil saná-lo... Como saber se o aluno tinha dúvidas? Como interpelar o professor no meio de uma explanação?

Segundo, La Taille (2013), no começo do século a pergunta que incomodou vários autores foi: Porque as crianças obedecem? Hoje parece que a pergunta formulada espontaneamente seria a inversa: por que as crianças não obedecem pais, professores, comunidade escolar e sociedade questionam-se a todo momento, sobre quais as verdadeiras causas de tanta mudança?

Autores como Parrat- Dayan (2015); La taille (2013); Vasconcellos(2009) vem se dedicando cada vez mais a esse assunto da proclamada (In) disciplina, pois claramente nota-se que o aluno mudou e por consequência a escola mudou; Nós também mudamos e se a escola é um reflexo da sociedade é natural que tenhamos problemas, no dia a dia da escola, parecidos com as dificuldades apresentadas na sociedade atual, pois, mesmo que nossos sujeitos sejam crianças, adolescentes e jovens, esses alunos estão inseridos nesse contexto social.

Do século passado para cá passamos por grandes mudanças que nos afetaram diretamente ou indiretamente; guerras, constituição de democracias, crescimento e queda de economias, processo de industrialização, surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias (computador, novas máquinas, celulares etc..). A facilidade do acesso a informação provinda da globalização no mundo; a inserção da mulher no campo de trabalho, as novas ideias sobre a organização da família, nos impactaram e muito, sem dúvida.

“Na família a autoridade repressiva retrocede para deixar lugar a uma educação familiar que valoriza a realização e expressão da criança.”Parrat-Dayan,(2015, p.107). Muitos atos que as crianças cometem hoje em dia, tidos

como engraçados e criativos, no passado eram considerados como desrespeito e motivos para correção.

Aquino (1996) declara ainda, que o mundo mudou, nossos alunos mudaram, mudou a escola? Quando analisamos todas essas mudanças ocorridas, voltamos o olhar para a escola e para as crianças e o que vemos? Vemos pessoas que parecem ter parado no tempo porque continuam utilizando-se das mesmas estratégias didáticas do passado e tentando obter os mesmos resultados sem notar que estamos em tempos diferentes e com alunos que não são os mesmos, a escola parou no tempo.

Observa-se que a questão da indisciplina, associado aos comportamentos preocupa o professor e a escola, uma vez que repercute no desenvolvimento direto da atividade docente e no andamento da aula. Ela esteve e está presente no cotidiano do professor e da escola, como pode ser percebido no histórico da educação, vemos na afirmativa de Vasconcellos que esse tema não é propriedade somente da atualidade.

Questões de indisciplina escolar, sempre as tivemos: há registros históricos de mais de 2 mil anos antes de Cristo com queixas sobre o comportamento das crianças e dos jovens. Portanto, o desafio da indisciplina não é novidade. Nova é a intensidade com que vem se impondo nos últimos anos. (VASCONCELLOS, 2009, p.24)

Embora esse não seja realmente um assunto somente da atualidade como podemos observar na fala de Vasconcellos é um assunto próprio da escola, isto é, essencialmente escolar, tão antigo como a escola, como afirma Estrela:

A manutenção da disciplina constitui, com efeito, uma preocupação de todas as épocas, como já testemunham vários textos de Platão, como o “Protágoras” ou as “Leis”. E se lermos as “Confissões” de Santo Agostinho, constatamos como a sua vida de professor era amargurada pela indisciplina dos jovens que perturbavam “a ordem instituída para seu próprio bem” (ESTRELA, 2002,p14).

Na opinião de Estrela (2002), o aumento da indisciplina na escola está diretamente relacionado com a mudança do ensino elitista para o ensino de massas. Com o propósito de combater o analfabetismo e democratizar o

ensino, a escola começou a ser encarada como uma obrigação originando assim, situações de desinteresse, desmotivação e indisciplina

O ideal de humanidade vem variando com o avanço civilizatório, com as lutas pelos direitos. Queremos que todos participem desse ideal, desse projeto que seja garantido a todos e a todas o direito a ser gente, a passar por esse aprendizado. A Educação Básica universal como direito situa-se nessa história de luta pelo direito de todos a sermos humanos. Este é o fio condutor das lutas sociais e políticas pelos direitos humanos, pelo direito básico, universal, a sermos plenamente humanos. (Arroyo, 2000, p.53)

Módulo 3 – O currículo e as questões de poder na escola
Currículo o que é? Teorias do currículo
Teorias do currículo
O currículo e as crianças
Vídeos, textos
Atividade Avaliativa.

Referencial Teórico:

O currículo e as questões de poder na escola

O módulo III, denominado “O Currículo e as questões de poder na escola” percorreu sobre o papel da escola e sua função pedagógica, na transmissão do conhecimento acumulado desde os primórdios pela espécie humana e ressaltou a preocupação da escola na educação idealizada, que visa a formação do cidadão apto, para atuar na sociedade em que se insere. Neste módulo apresentamos os diferentes momentos históricos e suas percepções a respeito do currículo e o papel do currículo na construção da identidade do indivíduo. Para tal feito nos apoiamos nas reflexões e postulados teóricos de autores como: Garcia; Moreira(2012), Lima(2008), Ponce(2010) e Silva(2015).

O E QUESTÕES DE PODER NA ESCOLA

A escola é uma instituição que teve o papel de transmissora, por determinado período de tempo, por meio de sua função pedagógica, o conhecimento, que a espécie humana havia acumulado desde seus primórdios até a atualidade, isto é, todo e qualquer conhecimento, que até então havia sido adquirido, produzido, criado e inventado pelo homem através do desenvolvimento cultural da humanidade, foi sistematizado de forma que nos fosse transmitido, como bem mais precioso, que nós os humanos possuímos, nossa própria história, um dever importante que promoveu a garantia da continuidade da espécie.

Seres humanos vão a escola com vários motivos. Mas, a existência da escola cumpre um objetivo antropológico muito importante: garantir a continuidade da espécie, socializando para as novas gerações as aquisições e invenções resultantes do desenvolvimento cultural da humanidade (LIMA, 2008, p.17)

Dessa forma, o papel de transmitir esses conhecimentos para as novas gerações, nem sempre foi um ato exclusivo da escola e nem da figura do professor, até mesmo porque, segundo Lima (2008) a escola é uma instituição, criada recente pela humanidade, juntamente com a escrita e datada de cerca de 4.500 anos atrás, no mesmo instante em que ocorre a invenção da matemática, do desenvolvimento da geometria e do desenvolvimento de certas práticas artísticas. Mesmo que a escola não tivesse sido criada como instituição, e muito menos a figura do professor como transmissor do conhecimento para as crianças, em uma sala de aula, ainda tínhamos membros mais velhos, da comunidade ou mesmo na família, nas sociedades primitivas com o relevante papel de garantir a continuidade da transmissão dos conhecimentos, dos valores e da cultura, às crianças, e aos jovens.

Através dos tempos, a socialização era feita pelos adultos, dos mais velhos, para as crianças, principalmente nas comunidades primitivas, nas comunidades onde viviam, nas quais, sem a existência da escola, qualquer transmissão que fosse feita para as crianças e aos mais jovens, seria por intermédio do grupo ao qual estavam inseridos, pai, mãe, irmãos parentes e comunidade de convivência, que por vezes viviam juntos vários membros da comunidade (PONCE, 2010, p.)

Até os 7 anos de idade a partir da qual já deviam começar a viver as suas próprias experiências, as crianças

acompanhavam os adultos em todos os seus trabalhos ajudando-os na medida das suas forças e, como recompensa, recebiam a sua porção de alimentos como qualquer outro membro da comunidade. A sua educação não estava confiada a ninguém em especial, e sim à vigilância difusa do ambiente. Mercê de uma insensível e espontânea assimilação do seu meio ambiente, a criança ia pouco a pouco se moldando aos padrões referenciados pelo grupo... Presa as costas de sua mãe, metida dentro de um saco, a criança percebia a vida da sociedade que a cercava e compartilhava dela (PONCE, 2010, p.18).

A criança ia assimilando naturalmente aquilo que necessitava para sobreviver em comunidade, pois a sua convivência com os adultos mais velhos, proporcionava a iniciação às mesmas crenças e as práticas que seu grupo social tinha, de forma que sua educação não era deixada para que alguém especial o fizesse, antes presa as costas da mãe e literalmente no seu pé, a criança ia aos poucos se apropriando de tudo ao seu redor, sem que para isso alguém fosse determinado a tarefa, de guiá-lo.

Ao discorrer acerca das sociedades primitivas, Ponce (2010) declara que somente um tempo depois, se fosse necessário era ensinado às crianças como agir em determinadas ocasiões, como quando fossem pescar ou caçar, por exemplo, estas iam naturalmente se apropriando de cada saber e de sua parte nas funções dentro da comunidade, utilizando tudo que aprendiam por meio da vida e para vida.

Nestas comunidades primitivas, segundo Ponce (2010) não havia nenhum tipo de divisão de classes, tudo o que se produzia ou plantava era para seu próprio consumo, várias famílias moravam juntas num mesmo lugar, formando uma grande comunidade, porém com a descoberta de novas ferramentas, a comunidade foi se transformando e com passar dos tempos surgiu a divisão das classes sociais e naturalmente ocorreu a necessidade de socializar as aquisições e invenções e o comércio, como resultantes do desenvolvimento cultural da humanidade. A escola surgiu de maneira a facilitar e promover a apropriação desses novos conhecimentos que iam surgindo.

A instituição escolar foi constituída na história da humanidade como o espaço de socialização do conhecimento formal historicamente construído. O processo de educação formal possibilita novas formas de pensamento e de comportamento: por meio das artes e das ciências o ser humano transforma sua

vida e de seus descendentes. A escola é um espaço de ampliação da experiência humana (LIMA, 2008, p.19).

Com a instituição escolar surge também, a figura do adulto, o professor que neste momento, tem uma função específica na sociedade, o de aproveitar o tempo com a criança, o adolescente ou o jovem para promover o processo de humanização, que é o desenvolvimento cultural da espécie. Lima (2008) assinala, que a escola não pode mais limitar-se somente as experiências cotidianas deve avançar trazendo necessariamente novas metodologias e novos conhecimentos contemporâneos, para isto o currículo se torna então um instrumento de formação humana.

Nos últimos anos podemos notar quão grande tem sido o avanço nas áreas tecnológicas, das ciências, das técnicas artísticas e as produções literárias, a tal ponto da informação tornar-se obsoleta rapidamente, tornando-se essa uma das maiores preocupações da comunidade escolar atual, nos fazendo refletir acerca da formação humana de nossas crianças e saber se estão aprendendo e apreendendo na escola e ainda, o que é necessário para desenvolver seus papéis na sociedade como cidadão. Nesse sentido, é necessário refletir à luz de um breve histórico à respeito do currículo.

Retornando na nossa história educacional, nas sociedades primitivas, percebemos que no momento que o homem adquiriu a propriedade privada ele se torna economicamente diferente dos seus pares na sociedade e seus interesses pessoais começam a se sobrepor aos interesses comuns à comunidade.

Desde esse momento, os fins da educação deixaram de estar implícitos na estrutura total da comunidade. Em outras palavras: com o desaparecimento dos interesses comuns à todos os membros iguais de um grupo e a sua substituição por interesses distintos, pouco a pouco antagônicos, o processo educativo, que até então era único, sofreu uma partição: a desigualdade econômica entre os "organizadores"-cada vez mais exploradores - e os "executores"-cada vez mais explorados - trouxe, necessariamente, a desigualdade das educações respectivas (PONCE, 2008, p.26).

Vale ressaltar, que essa é uma história que parece soar familiar, não é? Quando esses organizadores não divulgavam o conhecimento para o restante da comunidade, só aumentavam a incompetência dessas massas como os

mesmos, também mantinham suas próprias situações de comandantes perante a sociedade.

Ao dar prosseguimento nos estudos da história da educação, constata-se que os currículos na Suméria, no antigo Egito e na Grécia, tinham como eixo central a escrita, a matemática e as artes, mas havia uma diferenciação no ensino entre os mais abastados e os economicamente desfavorecidos.

Segundo, Lima (2008): as minorias que chegavam até a escola, permaneciam nela por cerca de três anos, para que pudessem aprender a ler, enquanto que as crianças das classes mais favorecidas prosseguiam nos estudos por mais tempo, de modo que aprendiam além do ato de ler, aprendiam também a escrever. Os escravos daquela época que acompanhavam as crianças das classes dominantes, chamados de pedagogos, na Roma antiga, estes sim aprendiam a ler porque tinham como obrigação ajudar essas crianças nas lições de casa.

Ao investigarmos a história da educação percebemos que na comunidade primitiva, era comum ao homem a partilha do trabalho, e até o mesmo teto. Não havia o ato de acumular comida ou bens, o que era plantado, caçado, servia para alimentação de todo o grupo. Também era notório que não tinha distinção para a divisão de tarefas no grupo, isto só ocorreu no momento em que o homem adquiriu a propriedade privada, e assim sucessivamente a expansão do comércio e das navegações e guerras, deu-se início ao fim dos interesses mútuos em detrimento dos interesses particulares, surgindo as classes dos dominados, os trabalhadores, e a classe dos dominantes, donos das propriedades.

A escola, e o currículo, não ficaram imunes aos interesses da classe dominante, que sempre buscou formas que pudessem auxiliá-los na manutenção e controle das rédeas do poder. Uma dessas estratégias foi ditar o que deveria constar no currículo, restando a escola o dever de cumprir aquilo que havia sido determinado, sem que houvesse discussão à respeito.

Para prosseguirmos adiante falando especificamente à respeito do currículo, é necessário reunirmos alguns conceitos do que entende-se por currículo para melhor compreensão.

À palavra currículo associam-se distintas concepções, que derivam dos diversos modos de como a educação é concebida historicamente, bem como

das suas influências teóricas que a afetam e se fazem hegemônicas em um dado momento. Diferentes fatores sócio-econômicos, políticos e culturais contribuem, assim, para que o currículo venha a ser entendido como:

- (a) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos
- (b) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos;
- (c) os planos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais;
- (d) os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino;
- (e) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus de escolarização, (GARCIA; MOREIRA, 2008, p.18)

Conforme Garcia e Moreira (2008), o currículo têm sido alvo de questionamentos por parte de professores, pais, gestores, membros de comunidade.

CURRÍCULO O QUE É?

Quando pensamos na palavra currículo quase que imediatamente a ligamos a palavra educação, como que se fossem sinônimos uma da outra. Definir o que significa currículo tem sido uma das primeiras ações de muitos livros e pesquisas que falem á respeito deste assunto, o currículo. Segundo Silva (2015), se quisermos recorrer ao significado da palavra currículo, este seria como que uma pista de corrida, pista na qual se for percorrida, pelos seus corredores, esta ao longo de si mesma proporcionará através de seu percurso, uma construção de identidade que será paulatinamente construído, sendo desenvolvida à medida que estes vão alcançando a linha de chegada e tornando-se o que foi proposto antes do início da corrida..Portanto é interessante antes de discorrer acerca do que contém essa pista pensarmos conjuntamente sobre aonde ela nos tem levado.

Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que nos tornamos: na nossa subjetividade. (SILVA, 2015,P.15)

Ao pesquisar sobre esse tema observou-se algumas teorias do currículo e achou-se por bem ao invés de iniciarmos uma discussão do que realmente seja currículo ou não, refletirmos a respeito do que é o currículo sob a luz de algumas teorias do currículo, que seria interessante, como por exemplo vê-lo sob a perspectiva de diferentes períodos da história, em diferentes teorias.

Nesse sentido as Teorias do Currículo surgem como forma de nos revelarem o que determinada teoria, em determinado momento histórico pensa a respeito do que seja currículo;

Uma definição não nos revela o que é, essencialmente, o Currículo: uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o currículo é. A abordagem aqui é muito menos ontológica (qual o verdadeiro “ser” do currículo e muito mais histórica (como em diferentes momentos, em diferentes teorias, o currículo tem sido definido) (SILVA, 2015, p.14)

Então notamos que o currículo quando pensa no que ensinar também esta pensando automaticamente no que quer formar, isto é, em que se tornará o indivíduo que percorrerá o caminho que foi proposto por determinada teoria, Dentro dessa perspectiva de conhecimento e identidade cada teoria vai defender o porque de selecionar, valorizar determinado conteúdo em detrimento de outros. Como forma de responder a pergunta principal o que deve ser ensinado a eles, fazem outra pergunta junto com a primeira: o que eles devem ser, se o foco principal do currículo é a transformação do indivíduo que irá percorrer aquele caminho ou currículo, talvez a pergunta principal feita pelas teorias do currículo seja: o que queremos formar, que cidadão queremos na sociedade. Para Silva (2015), a questão a respeito de quem eu quero formar, na verdade esta posta de maneira anterior ao o que deve se ensinar, porque a partir desse ponto as teorias vão organizar determinando que tipo de individuo consideram ideal para a aquela sociedade.

Qual o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizadora e competitiva dos atuais modelos neoliberais de educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno estado-

nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizadas nas teorias educacionais críticas? (SILVA, 2015,p.15)

Conforme Silva (2015) neste sentido, é interessante não somente buscar a definição do que é o currículo no momento, mas atentarmos para quais são as perguntas comuns e também as questões específicas expostas ou não, que determinada teoria ou discurso curricular buscou ou busca responder, sem esquecer das questões peculiares que são as características que distinguem uma teoria da outra. Uma questão principal que permeia todas as teorias é o que deve ser ensinado , isto é, qual conhecimento deve ser de fato ensinado na escola, essa pergunta é o alvo de grandes discussões no meio educacional, porque cada teoria segundo o que pensa vai defender sua tese, justificando o porque que determinado conteúdo deve estar presente, e automaticamente ser selecionado ou não para fazer parte do currículo. Segundo Silva (2015), cada teoria vai buscar responder a questão do quê ensinar , utilizando-se de vários elementos em discussão a respeito de vários assuntos tais como: discussões referentes a natureza humana, natureza da aprendizagem, natureza do conhecimento, da cultura e da sociedade.

Observamos que os assuntos para discussão são muitos e segundo a ênfase que é dada a determinado assunto ou não, irá distinguir uma teoria da outra, porém apesar dessas discussões essas teorias sempre retornam aquela pergunta inicial: o que deve estar presente no currículo, o que eles devem saber de fato, que conhecimento de maneira nenhuma pode ficar de fora do currículo.

A pergunta o “que”?, por sua vez, nos revela que as teorias do currículo estão envolvidas, explícita ou implicitamente, em desenvolver critérios de seleção que justifiquem a resposta que darão aquela questão. O currículo é sempre o resultado de uma seleção de um universo mais amplo de conhecimento e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo.(SILVA, 2015, p.15)

Sem dúvidas o tema central do campo do currículo é o conhecimento escolar, seria mais ou menos basicamente aquilo que se aprende na escola, parece simples não é? Porém não é tão simples assim como parece, o que, e a

quem precisa ser ensinado, na escola tem sido motivo de discussão, para Moreira e Garcia (2012) , essa discussão do quê é preciso ser ensinado e a quem, no ambiente escolar é saudável e necessária, assunto que sempre demanda novas análises, novos pontos de vista, uma discussão necessária que deve estar em constante renovação, até porque segundo ele a nossa escola tem tido dificuldades na decisão do quê ensinar e de que maneira ensinar aos grupos sociais menos favorecidos e oprimidos, prossegue Moreira e Garcia (2012) dizendo que com todas essas teorizações que foram sendo construídas através de estudos e pesquisas, de fato esperava-se que estas pudessem ter auxiliado muito mais na sala de aula, de forma que promovesse maior aprendizagem, porém, os resultados tem deixado a desejar, tais como teoria e prática em desencontro.

Mas as pesquisas, as discussões e as teorizações que vêm sendo feitas hoje nos dão dados para que entendamos como é que aconteceu a separação entre teoria e prática, como é que os saberes da prática foram desqualificados e como é que isso tem servido ao exercício do poder. Porque quando eu desqualifico aquele que me ameaça tiro dele, ou pelo menos diminuo, a possibilidade dele me ameaçar. (GARCIA e MOREIRA,2012,p.10).

Garcia e Moreira (2012) prosseguem dizendo que a desqualificação sistemática do valor dos saberes e fazeres da prática é proposital e articulada, de forma que todo um processo de conhecimento foi sendo deixado de lado e esquecido, e essa tem sido uma forma que tem contribuído muito a favor do poder. Desta maneira instituía-se o que seria um conhecimento considerado certo ou errado para fazer parte ou não do currículo, desmerecendo o conhecimento indígena, popular e até mesmo o modo de falar, diferente da língua culta, conhecimento que por diversas vezes são valorizados por outros países e não pelo nosso próprio país, conhecimentos do povo, da nossa terra, de nossos índios, que fizeram com que muitos gringos viessem ao nosso país para buscá-los, enquanto que nós os brasileiros, acabamos pagando muitas vezes uma alta conta por conhecimentos saídos daqui.

Voltando para o ambiente escolar a questão da valorização do conhecimento prévio que o aluno apresenta ao adentrar nos muros da escola, também por diversas vezes, não é considerado conhecimento, como se ao iniciar seus estudos o aluno da classe popular fosse uma folha em branco a ser

escrita, como se o conhecimento que é escolhido e separado para ser aplicado na escola fosse a única e verdadeira fonte do conhecimento, e nem um outro conhecimento advindo de outra direção pudesse ser considerado para a aquisição do saber.

Isso tudo nos faz pensar sobre o que é o conhecimento certo e o que a escola considera errado, e nos faz concluir que a escola seria um espaço bem mais rico se acolhesse o conhecimento que os alunos das classes populares trazem e que são resultado das lutas pela sobrevivência que as classes populares vivem e nas quais, sem dúvida, produzem conhecimentos. (GARCIA E MOREIRA, 2012, p. 11)

Se o currículo é também uma questão de identidade, pensemos nesta criança ao adentrar numa escola onde tudo que ele conhece à respeito da vida, de sobrevivência, o seu modo de falar, de agir na solução dos problemas, passa a ser errado e negado como conhecimento, e a partir de agora, uma vez na escola ele passará a conhecer o verdadeiro conhecimento que será transmitido a ele através da educação escolar, não seria essa uma desconstrução da identidade trazida pela criança, como se somente quem passasse pela escola obtivesse o verdadeiro conhecimento, desprezando todos os outros tipos de conhecimento.

Moreira e Silva (2012) chamam a nossa atenção para o fato da riqueza que seria o ambiente escolar se todo esse conhecimento proveniente das classes populares que tem sido dispensado e deixado de lado fosse aproveitado e acolhido pela escola, agregado aqueles conhecimentos já existentes no currículo, quão rico não seria esse ambiente escolar para as crianças e adolescentes que partilhassem e compartilhassem esses conhecimentos.

Ora se nós acolhermos, problematizarmos e pusermos em confronto esses dois conhecimentos, o popular e o erudito, a escola, além de transmitir, irá redefinir, ressignificar, produzir conhecimento melhores, resultado da reaproximação da prática e da teoria e, quem sabe chegar a circularidade dos saberes..(MOREIRA E SILVA, 2012,p.11)

Quando qualquer que seja a teoria do currículo que esteja vigente escolhe ou separa dentre tantos conteúdos o que ensinar, essa determinada

teoria não está apenas fazendo uma mera escolha, mas meticulosamente e racionalmente o que aquele currículo deverá conter, e nesta escolha nada inocente, essa mesma teoria traz um projeto de ser humano a ser construído para sociedade, Para Silva (2015) o currículo e as teorias do currículo são uma forma de poder, pois na medida em que essas teorias do currículo perseguem alguns conhecimentos e outros não, na verdade estão envolvidas em questões de poder, pois estão escolhendo além do conteúdo, uma determinada identidade, portanto esse modo de agir nos leva a refletir a cerca de que interesse teria determinada teoria em escolher uma identidade específica dentre tantas outras possibilidades.

As teorias do currículo não estão, neste sentido, situadas num campo puramente” epistemológico, de competição entre “puras” teorias, As teorias do currículo estão ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia, As teorias do currículo estão situadas num campo epistemológico social. As teorias do currículo estão no centro de um território contestado.(SILVA,2015,P.16)

Para Silva (2015) é justamente essa questão do poder que faz uma divisão entre as teorias críticas e pós-críticas do currículo e as teorias tradicionais do currículo. De um lado estão as teorias tradicionais dizendo-se neutras e sem nenhum tipo de interesse, do outro lado temos as teorias críticas e pós-críticas do currículo, afirmando não haver teoria desinteressada e muito menos neutra. Silva (2015) prossegue dizendo que as teorias tradicionais tem a resposta quanto ao o que ensinar inquestionável e atem a responder a uma outra questão que é, o como, isto é, melhor maneira que esse conteúdo será transmitido. Já as teorias críticas e pós-críticas do currículo contestam sim o conteúdo, atentando-se ao o que e ao porque determinado conteúdo foi selecionado ou não para fazer parte do currículo.

Um currículo que se pretende democrático deve visar a humanização de todos e ser desenhado a partir do que não está acessível as pessoas. Por exemplo, no caso do brasileiro é clara a exclusão de acesso a bens culturais mais básicos como a literatura, os livros, os livros técnicos à atualização científicas, os conhecimentos teóricos, a produção artística. Além disso existe a exclusão do acesso aos equipamentos tais como o computador, aos instrumentos básicos das ciências,

(como na biologia, física e química), aos instrumentos e materiais das artes. (LIMA, 2008, P.18,19)

Não é difícil olharmos ao nosso redor na escola pública e notarmos rapidamente o que está faltando tais como: materiais de artes, instrumentos básicos para aulas de ciência, e até equipamentos de tecnologia que os alunos nem chegam a ter acesso em alguns municípios por diversos motivos. Há casos que a escola até possui esses materiais e instrumentos, porém muitas vezes ultrapassados e sucateados sem manutenção oferecida pelos governos ou deixada de lado a cada vez que entra um novo governo. Porém discorreremos a respeito de algo muito pior do que a falta de acesso a materiais e instrumentos, discorreremos aqui a cerca da negação da possibilidade da introdução das várias linguagens feita aos alunos seja por parte da escola, do currículo e até mesmo dos professores quanto ao acesso, deste jovem, criança ou adolescente que está na rede pública ao mundo do conhecimento.

Muitos educadores tem a ideia de que determinados conteúdos são muito densos para alguns alunos ou escola, escolhendo que conteúdo ensinar ou não, segundo a sua própria perspectiva avaliando se aquele aluno está preparado ou não para receber aquele conteúdo específico. Segundo Moreira e Garcia este comportamento, talvez tenha relação com a própria formação do professor.

Nós não fomos preparados nenhum de nós, em nossos cursos de formação, a lidar com alunos de classes populares, com alunos afrodescendentes, com alunos indígenas, que pensam segundo outras lógicas. (MOREIRA E GARCIA, 2012, p.18)

É comum sairmos de nossa formação inicial com um ideal de educação e um ideal de aluno que iremos encontrar ao adentrar na sala de aula, mas nos surpreendemos com o que nos deparamos nas escolas da atualidade, com alunos muito diferentes daquilo que havíamos imaginado, nos chocamos com o que recebemos por não ser o cenário que esperávamos encontrar, ou por nos depararmos com uma história que não nos foi contada, que não nos revelaram durante o nosso curso de formação, assim prosseguimos deparando-nos com inúmeras diferenças ao longo do tempo. Para Moreira e Garcia o problema todo está na formação inicial nossa que não nos preparou para entendermos e

abrirmo-nos para o novo. É fácil culpar o aluno, dizendo que ele não aprende, ou não é interessado, que a raiz do problema da não aprendizagem está nele, jovem na criança ou adolescente, porém pela experiência dos autores o problema está muito mais na dificuldade de ensinar, do que na dificuldade de aprender.

Nós não fomos preparados, nenhum de nós em nossos cursos de formação, a lidar com alunos de classes populares, com alunos de favela, com alunos afrodescendentes, com alunos indígenas, que pensam segundo outras lógicas. (GARCIA; MOREIRA, 2012,p.18)

A nossa reflexão diária da prática em conjunto com a formação continuada nos auxiliará, mostrando-nos diferentes caminhos, melhores maneiras de chegar no aluno, de ensinar o caminho ao acesso aos bens culturais da humanidade aos quais eles tem direito por herança. Esta formação deveria ser ofertada a criança, ao adolescente e ao jovem, através do currículo, da formação geral ampla através do qual o aluno seria introduzido a uma infinidade de conhecimentos, os quais ampliaria sua bagagem cultural, a escola tem esse dever, de oferecer principalmente as classes mais baixas, o acesso a esses bens culturais da humanidade, classes estas que talvez nunca mais em suas vidas tenham a oportunidade de ter acesso se não os forem oferecidos no ambiente escolar. Não podemos negar as classes mais baixas o direito de ter acesso a esse bem mais precioso, que é o conhecimento, para tal não podemos fazer distinções de classes sociais, raças e etc, ou conclusões antecipadas que aquele aluno não esta preparado para receber aquele tipo de conhecimento, assim como também julgar que uma classe social não necessita ter acesso à determinados conteúdos.

Deveria ser a função da escola desde Comenius : ensinar tudo à todos. Que é ensinar tudo á todos? É dar a todos a possibilidade de se colocarem nesse “tudo”, e deste tudo oferecido poderem melhor escolher. Queremos que saiam sujeitos capazes de ler e se expressar por meio de uma linguagem com a qual tenham mais afinidade, o que só podem fazer se conhecerem as diferentes linguagens postas no mundo hoje.(MOREIRA e GARCIA, 2012, p.22)

Um exemplo que ocorre muito nas escolas é com relação a saídas culturais externas a escola, tais como idas a museus ou concertos,

percebemos nossos pares torcendo o nariz e dizendo muitas vezes que esses alunos não saberão como se comportarem em lugares como esses que exigem maior refinamento quanto aos movimentos e educação, ora, pensemos: como saberão agir se nunca lhes forem ofertadas tais oportunidades? Outro exemplo é o acesso a música, Comumente ouvimos muitos educadores reclamarem do tipo de música ouvida por seus alunos, dizendo que são extremamente ruins e sem nenhuma letra apreciável, cabe á nós, a escola oferecermos, dar-lhes o acesso a outros gêneros musicais, de maneira que eles tenham a oportunidade de estar com um leque de opções para só assim .escolher o estilo que mais lhe agrada, ou os estilos.

Ação da criança depende da maturação orgânica das possibilidades que o meio lhe oferece: ela não poderá realizar uma ação para a qual não tenha o substrato orgânico, assim como não fará muitas delas, mesmo que biologicamente apta, se a organização do seu meio físico e social não proporcionar sua realização ou se os adultos não a ensinarem. O ser humano aprende somente as formas de ação que existirem em seu meio, assim como ele aprende somente a língua ou as línguas que aí forem faladas. (LIMA, 2008, p.25)

Assim é na sala de aula, onde também não existe essa harmonia idealizada. Então, que acontece? Fomos todos formados para colocar todo mundo seguindo o rebanho, seguindo o mesmo caminho, aprendendo as mesmas coisas, no mesmo tempo. Por isso, temos os programas, os parâmetros, ou que nome se dê. No entanto, a sala de aula deveria ser um riquíssimo espaço de diferentes saberes que se cruzam, entrecruzam, entram em conflito, produzindo novas possibilidades de compreensão do mundo e aumentando a compreensão que cada um pode ter de si mesmo. (GARCIA; MOREIRA, 2012,p.16)

Como saberão à respeito de algo, isto é, de um determinado assunto, ação ou conteúdo específico se nunca viram ou ouviram falar a respeito e ninguém lhes transmitiu nada parecido. O currículo tem um papel extremamente importante nesse sentido, porque é através dele que determinadas conteúdos e ações de uma cultura são privilegiados ou não, como sempre, em detrimento de outros é claro .

Sendo assim podemos observar que tudo que está contido no currículo, vai corroborar para interferir na construção da identidade do indivíduo,

identidade esta, que automaticamente ou racionalmente também foi escolhida quando foram separados os conteúdos que fariam parte do currículo, de modo que ao escolher um conteúdo também se escolhe uma identidade ou vice-versa.

Não podemos negar o papel que tem a escola, mas a escola transmite ou tenta transmitir apenas aquilo que foi imposto pelo currículo, a responsabilidade do currículo sobre a construção de uma identidade é imensa. Mesmo assim a sociedade tem cobrado da escola melhores resultados, dizendo que a escola está atrasada, que os alunos não aprendem, que os professores são mal preparados, vejam bem, o interesse aqui não é culpar nem eximir ninguém da sua possível parcela de culpa pela atual situação da educação no Brasil, e sim trazer a tona reflexões que ajudem a refletir a respeito de que tipo de identidade está sendo imposta a escola por meio dos conteúdos selecionados e privilegiados através do currículo.

As estratégias de ação e os padrões de interação entre as pessoas são definidos pelas práticas culturais. Isto significa que a cultura é constitutiva dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem. A criança se constitui enquanto membro do grupo por meio da formação de sua identidade cultural, que possibilita a convivência em sua permanência. Simultaneamente ela constitui sua personalidade que a caracterizará como indivíduo único. Os comportamentos e ações privilegiadas de uma cultura são então, determinantes no processo de desenvolvimento da criança. (LIMA, 2008,p.25)

Segundo Lima (2008), foi espalhada uma ideia nos últimos anos de que a criança aprende sozinha e assim vai construindo seu próprio conhecimento, a verdade é que a criança tem sim um papel relevante neste processo, porém, não o constrói sozinha para tal, necessita historicamente do auxílio de adultos, dependendo da escolha feita através do currículo, o papel do adulto estará claro ou não.

Segundo Lima (2008), não há currículo ingênuo porque as escolhas são feitas, e irão sempre indicar um tipo de identidade, e esta escolha pode ser ou não uma boa escolha no processo de humanização da criança.

CURRÍCULO E AS CRIANÇAS

Sempre tivemos adolescentes e jovens no Ensino Fundamental e Médio, mas eram outros, comentava uma professora. Uma central. São outros em que e por quê? (ARROYO, 2011, p.223)

Costumeiramente ouvimos alguns professores mais experientes dizerem que os alunos já não são mais os mesmos, que realmente os alunos mudaram, que eram mais comportados, que cumpriam as tarefas propostas e acatavam de imediato as normas, e este agora é diferente, que muitos causam mal estar na sala de aula. Para Arroyo (2011) o mal estar nas salas de aula piora bastante a medida que esses alunos vão chegando no fim das séries finais do Ensino Fundamental e adentrando o Ensino Médio, e mesmo os educadores da EJA ficam sem saber como incluir esses jovens, que chegam lá, com um histórico de rejeição, reprovações, e que embora sendo tão jovens já carregam sobre seus ombros um histórico escolar e humano difíceis

Realmente esses alunos nas escolas não são os mesmos, são outros. Ao percorrer o histórico da educação no Brasil podemos notar que até bem pouco tempo atrás nem todos, ou bem poucos tinham acesso à escola, como já relatamos em alguns textos acima, observamos que a entrada desses, chamados outros é bem recente, e a abertura dos portões da escola somente aconteceu em sua totalidade a partir da obrigatoriedade e acesso pela LDB 9496/96

Eu estou falando ainda de entrar, eu estou falando ainda de ter acesso á escola. A maioria da população brasileira, por muito tempo, sequer entrou na escola, A escola era um espaço das elites e das classes médias, que sempre tiveram como modelo as elites. (GARCIA E MOREIRA, 2012, p.29)

A grande maioria de nossos pais e pessoas de mais idade, não tiveram acesso a escola, e quando o tinham, não desfrutaram dela por muitos anos, muitos deles se restringia a estudar a primeira parte do Ensino Fundamental. Passados alguns anos dessa realidade que ocorreu por longa data no nosso país, temos notado o acesso do povo á escola através dos direitos da criança, jovem e adolescente, garantidos por lei, desta forma temos visto aumentar a grande quantidade dessas massas na escola, mas também

aumentaram-se os problemas advindos com a nova demanda. Aumentando-se o número de alunos, o acesso a escola que antes era restringido a apenas algumas classes específicas agora já não mais o é mais, com o aumento da vinda das massas para a escola agora o problema deixa de ser o acesso e passa a ser muitos outros, um exemplo deles é a indisciplina.

Quantos de nós já não se perguntou por vezes, o que este outro aluno que causa mal estar nas escolas aproveita realmente desse tempo no qual permanece na escola, seria a merenda, o convívio e bagunça entre seus pares, para Arroyo é triste pensarmos desta maneira, devemos ser mais cautelosos para julgar e caracterizar esses alunos, pois ao pensarmos assim estamos pré julgando este outro, neste momento nos falta aquele olhar mais atencioso que nos revelaria quem realmente é esse outro..são justamente aqueles sem esperança nenhuma, que por épocas e épocas permanecem perto das mais perversas e indignas maneiras de viver do passado, as quais não mudaram até a atualidade.

Não é consolo constatar que esses adolescentes e jovens não são apenas alunos indisciplinados, que nada querem de nossas lições. Abrir nosso olhar para quem são na cidade, nas periferias, na sobrevivência, na sociedade, nos programas de assistência, emprego, cultura, esporte, saúde, e até segurança...pode superar olhares demasiadamente escolarizados que em pouco ajudam a entender quem são, que lugar ou sem lugar lhes é reservado na nossa ordem-desordem social e urbana. Somente mirando esses adolescentes e jovens nesse olhar aberto entenderemos quem são nas salas de aula: os mesmos vistos como incômodo lá fora.(ARROYO, 2011, p.224)

A maioria de nós professores já se convenceu que os alunos não são mais os mesmos, porém na mesma proporção ou maior da constatação deste fato é o que fazemos com essa descoberta, percebe-se claramente que essa constatação de nada vale se eu não sei como agir diante desse outro. Para Arroyo o interesse de descobrir quem é este outro aluno que está posto diante de nós, tem produzido um vasto número de pesquisas acadêmicas muito valiosas, que tem buscado olhar por diversos ângulos, este ser, nossos alunos, estes tem sido caminhos para tentarmos compreender esse aluno que está

diante de nós, e deve ser notado com um olhar livre de pré-conceitos para podermos tentar conhecê-lo de fato.

Reconhecer essa realidade nos situa em um caminho promissor para acertar nas posturas profissionais. Se eles e elas são outros nós teremos que ser outros profissionais. Uma questão se impõe a nossa reflexão e ação: São outros em que e por quê? (ARROYO, 2011, p.225)

Penso que o problema é essa nossa formação, que nos enche de preconceitos que nos impedem de ver, de nos abriremos para o novo e de tentarmos compreender o novo GARCIA; MOREIRA, 2012 p.19)

Ser um bom professor não basta, como vimos precisamos conhecer este aluno que está diante de nós, caso contrário não nos será permitido trocar qualquer conhecimento com eles se não demonstrarmos interesse por saber quem são estes que se põem diante de nós na escola, esses que vemos todos os dias, mas não sabemos quem o são de fato, de que forma poderiam demonstrar quem são de fato, se são levados a serem iguais o tempo todo, em todos os sentidos, e aqueles que fogem um pouco às regras são considerados como diferentes e muitas vezes encaminhados ao serviço de educação especial e até ao psicólogo sem que muitos deles o necessitassem de fato.

Fomos todos formados nessa ótica da homogeneização. É mais fácil o aparentemente homogêneo, porque quem foge à norma é identificado e punido, mandado para o SOE para ser "tratado", mandado para um psicólogo para ser tratado, porque todo mundo tem de estar dentro da norma. (GARCIA; MOREIRA, 2012, p.15)

Claramente observamos que os alunos, sim, são outros, mas não só apenas isto, percebemos também que a forma utilizada anteriormente não lhes é mais cabível, que a pista construída para percorrermos nunca foi feita para esses corredores que aí estão, foi idealizada para outros alunos em outra realidade, essa pista não suporta mais esses corredores e a consequência disso tudo é que vários corredores vão ficando para trás, pelo caminho ao longo da corrida,

São filhos dos setores populares que nunca antes entraram na escola. Sua entrada física é um avanço, entretanto está

deixando exposto que precisamos reconhecê-los como Outros. Logo precisamos de outro sistema, outros ordenamentos, outras didáticas, até de outra formação profissional (ARROYO, 2011, p.226)

Para Arroyo (2011) esses alunos não estão contra nós professores e sim indo contrariamente à uma estrutura muito maior que nós, mas que recebemos e sentimos bastante por estarmos na linha de frente da batalha.

Se pretendermos um diálogo com esses Outros será necessário conforma, estruturas, tempos, espaços, ordenamentos curriculares, conteúdos, didáticas e avaliações Outras. Porém, as normas, regimentos, diretrizes e as políticas resistem a repensar o que há de mais estruturante e rígido em nosso sistema escolar. Que fazer ? Uma questão está posta nas escolas, nos encontros e debates (ARROYO,2011,P.226)

Como havíamos observado anteriormente, o professor é o adulto que primeiramente vai lidar com esta criança ou adolescente na sala de aula, e também será o adulto que receberá toda a carga trazida por eles, o peso de suas vivências tão curtas em espaço de tempo, porém já carregadas de inúmeras experiências vividas por estes, desde sua infância, ainda crianças, passando por sua adolescência, fase na qual se acentuam bastante os problemas relativos as indisciplinas que tanto causam mal estar nas salas de aula e impedem o bom andamento da aula .

Que é que eu faço ? Alguns dizem: eu tenho um aluno diferente, um aluno não conhece as coisas que a escola quer ensinar, um aluno que não se importa com as coisas que a escola quer ensinar, um aluno que não se porta como a escola gostaria que ele se portasse, um aluno que não produz o que a escola gostaria que ele produzisse . Como trabalhar com esse tipo de aluno. É que toda literatura pedagógica tem abordado há tanto tempo, tem há tanto tempo discutido, que até surpreende que essa pergunta ainda esteja tão presente e se repita quando nos reunimos com professores para discutir, para trocar ideias, para dialogar.(GARCIA e MOREIRA ,2012,P.15)

Experiências nada aproveitadas na escola e suprimidas pela história. Este povo sempre esteve presente no decorrer da história mas que tem sido negada a eles mesmos, que não tiveram vez e nem muito menos voz nela. Um povo que sempre teve muito pouco ou por diversas vezes nada, que luta pela

sobrevivência dia-a-dia, buscando o essencial para garantir suas vidas como, à moradia, saúde, a alimentação e a educação, por séculos essa história tem se repetido.

Esses adolescentes e jovens populares ao chegarem as escolas confrontam os ideários de igualdade, inclusão, democracia com a necessidade de controle, de reduzir a democracia a uma inclusão-aparente-excludente-controlada São as velhas tentativas de inclusão-excludente dos coletivos postos a margem na cultura nacional, no trabalho eficiente, nas favelas pacificadas, nas escolas inclusivas, pacificadas.(ARROYO, 2011, p.227)

DOS CONCEITOS DE INDISCIPLINA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

Com a pesquisa finalizada, observamos enfoques distintos sobre o assunto da Indisciplina, de maneira que, a indisciplina não poderia ser abordada apenas por uma perspectiva, de maneira que entendemos que seria necessário olhar a realidade escolar de uma forma mais abrangente para buscar a compreensão dos eventos ou comportamentos que são (eram) caracterizados como indisciplina.

Diante dos aspectos apontados e das discussões realizadas com base nos dados da pesquisa pudemos reforçar a idéia de que não há uma causa única para o fenômeno objeto desse estudo. A indisciplina é um questão, que envolve múltiplas determinações que estão relacionadas ao ambiente escolar compondo fenômenos que recebem rótulos, assim como ela mesma é rotulada. Segundo os autores que fundamentaram todo esse projeto e assunto, isso só poderá ser modificado a partir do momento em que se considere a escola um espaço humanizador e democrático, em que o diálogo seja privilegiado e haja a garantia de um ensino de qualidade.

VASCONCELLOS (2009), assinala que [...] “a prática concreta do professor, no entanto, tem cobrado de forma muito contundente uma clareza de posicionamento sobre a indisciplina escolar para poder enfrentar os desafios”. A relação diária do professor com os processos de indisciplina são cada vez maiores no ambiente escolar, e segundo as pesquisas a respeito do tema, tem

exigido maior entendimento à respeito do assunto no enfrentamento desse problema que preocupa a comunidade em geral.

Alguns educadores, no entanto tendem a rejeitar ou menosprezar a reflexão sobre disciplina, seja por manifestar uma compreensão equivocada do que vem a ser (associada a qualquer forma disciplinar a autoritarismo), seja por não quererem tocar num assunto, que para muitos representa um fracasso profissional e pessoal, outros entendem que a disciplina tem um caráter circunstancial, seria uma problemática localizada, outros ainda consideram que não é problema seu, e sim da direção ou da família. (VASCONCELLOS, 2009, p. 28)

O ato de recusar ou depreciar a reflexão a respeito do fenômeno da indisciplina por parte de alguns educadores, na verdade demonstra segundo Vasconcellos (2009), uma falta de entendimento a respeito dessa temática, provenientes de diversas idéias equivocadas sobre esse assunto. Declarar que há problemas com indisciplina na escola, em muitos casos seria para a grande maioria uma assinatura de incompetência, dizer que não é bom o suficiente para lidar com essa problemática, porém como observamos durante esses estudos que não é bem assim, que esse assunto é mais complexo do que pensamos e que há um conjunto de ações que podem ser tomadas em relação a esse fenômeno.

O modelo do prático-reflexivo é o de um educador que é capaz de se adaptar a todas as situações de ensino, por meio da análise das suas práticas e sobre os resultados que obtém. Esse educador sabe se perguntar qual o sentido das ações que realiza, sabe se interrogar sobre suas próprias concepções, sobre o que faz e porque faz. Esse educador não se satisfaz em reproduzir rotinas pedagógicas. Graças a autorreflexão e aos problemas que surgem em situações bem definidas, é capaz também de navegar com facilidade entre a prática e a teoria; e, adotando uma atitude crítica e pragmática com relação ao saber teórico e as técnicas e ferramentas pedagógicas que aprendeu durante sua formação, o novo profissional pode pensar e se adaptar a diversas situações. (PARRAT-DAYAN, 2015, p. 111)

Esse educador que Parrat-Dayan (2015) descreve, é um educador que transita com maior facilidade pelas situações e conflitos que vão surgindo no dia-a-dia, porque este reflete a respeito de sua própria prática e ações a todo momento e também analisa o produto dessas ações, não se espelha

simplesmente em rotinas pedagógicas, analisá-as, e procura equilibrar teoria e prática. Para (PARRAT-DAYAN, 2015, p.111),[...] “por último esse profissional trabalhará em equipe e desenvolverá práticas institucionais, interessando-se pela gestão coletiva da vida do seu estabelecimento.” Observamos que esse profissional além de constantemente refletir sobre sua própria prática, também se importa com o que está em seu entorno, procurando trabalhar em equipe.

Esse trabalho em equipe, que rompe com o isolamento no qual os educadores permanecem, implica práticas institucionais dentro da organização escolar, ou seja, trabalhar com a equipe pedagógica, classes cooperativas, conselhos etc., que são essenciais para a gestão da disciplina. (PARRAT-DAYAN, 2015, p. 112)

Segundo Parrat-Dayan (2015), o trabalho em equipe é uma chance que todos educadores e equipe tirem seu trabalho do isolamento e conecta-lo com o grupo, para comparar suas concepções com a de seus pares, para conversar a respeito do conhecimento que ele instituiu, e para ser reconhecido como ator de todo processo. Para isso são exigidas competências como (PARRAT-DAYAN, 2015, p. 112), saber se comunicar, saber conduzir um grupo, saber escutar pontos de vista diferentes, saber negociar, saber elaborar proposições, saber fazer a gestão de projetos, realizá-los, ajustá-los, e avaliá-los.

Segundo a autora Parrat-Dayan (2015), o trabalho em equipe, é uma situação ideal para o exercício da análise da prática. A troca das práticas pode levantar suposições, relatos, e questões e reflexões que talvez nunca fossem levantadas fora desse contexto. Interessante como forma de prática a ser abordada no projeto, como pauta de discussão nas reuniões ou oficinas pedagógicas. Nessas práticas aflorarão idéias e maneiras mais favoráveis para auxiliar essa tarefa da reflexão, de maneira que nessas discussões apareçam maneiras de pensar diferentes, aumentando as possibilidades de se ver um mesmo assunto por diversas perspectivas

“Saber o que se faz em outras escolas e em outros países e saber os resultados que são obtidos com essas ações deveria ser considerado um bem cultural, que uma vez compartilhado por um máximo de cidadãos, pode tornar-se o fermento para uma maneira mais adequada de pensar a transformação na escola.” (PARRAT-DAYAN, 2015, p. 125)

A indisciplina é uma questão que deve ser compartilhada no grupo, em reuniões, htps, cursos, de diversas formas possíveis. Ao trazer o problema para o grupo, para a reflexão em conjunto, este é visto sob diversos olhares, o que favorece o desenvolvimento de possibilidades antes não imaginadas quando se reflete sozinho.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

A proposta de um plano de ação destinada a equipe e professores da escola pesquisada foi baseada nos resultados da pesquisa para o mestrado, tendo como objetivo sensibilizar professores e equipe gestora para o desenvolvimento de uma reflexão mais sistemática e crítica a respeito da indisciplina, problema, que, como vimos anteriormente muito preocupa os professores e a escola, e que tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem e na formação humana.

Objetivos específicos

- Conhecer, refletir e discutir a respeito de diferentes enfoques e conceitos a respeito da indisciplina, segundo os autores utilizados para o projeto
- Buscar conhecer e refletir a respeito da realidade escolar da qual faz parte de uma forma mais abrangente para buscar a

compreensão dos eventos ou comportamentos que são caracterizados como indisciplina.

- Desenvolver a prática da autoreflexão, de maneira que ao se deparar com diferentes situações e problemas do cotidiano escolar não se satisfaça em reproduzir somente rotinas pedagógica, mas se ajuste, sendo capaz de navegar com facilidade entre a prática e a teoria.
- Buscar desenvolver a prática do trabalho em equipe, interessando-se pela gestão coletiva da vida de sua escola e rompendo com o isolamento no qual os educadores permanecem, se importando com o que está em seu entorno, fundamental para a gestão da indisciplina.
- Trocar as práticas de forma a levantar suposições, relatos, e questões e reflexões que talvez nunca fossem levantadas fora desse contexto. Nessas práticas aflorarão ideias e maneiras mais favoráveis para auxiliar nessa tarefa da reflexão, de maneira que nessas discussões apareçam maneiras de pensar diferentes, aumentando as possibilidades de se ver um mesmo assunto por diversos ângulos

3- PLANO DE AÇÃO (procedimentos)

Assim, procuramos elaborar, segundo os resultados decorrentes da pesquisa, uma proposta de intervenção no qual refletisse e promovesse um plano de ação como proposta pedagógica, que fosse apoiada nas informações obtidas, assim buscamos reunir os diversos olhares, opiniões e pensamentos que a equipe e os professores tinham sobre o assunto, as dificuldades e desafios da prática diária ante aos processos de indisciplina, e de que maneira se manifestavam no inconsciente coletivo do ambiente escolar, além de levantar práticas e estratégias que funcionam e dão algum resultado ante a esses processos.

Como se trata de um projeto direcionado a escola, inicialmente pensamos que este poderia ser realizado nas reuniões pedagógicas, que acontecem semanalmente nas unidades um mínimo de 15 encontros, num espaço de no mínimo três meses onde o grupo de professores e coordenador, orientadores e direção se encontram para discutir propostas pedagógicas para os alunos, totalizando 30 horas, para não atrapalhar as demais ações da escola. Havendo necessidade de adequação, a escola estaria livre para fazer qualquer adaptação no horário e duração do projeto.

Para tanto, sugere-se as seguintes ações:

- Realizar oficinas pedagógicas, apoiando-se nos referenciais teóricos levantados e dados obtidos durante a pesquisa realizada na escola.
- Fazer um levantamento prévio a cerca do que o grupo de professores e equipe gestora compreende por conceito de indisciplina.
- Trazer para o grupo autores, vídeos que falam sobre o assunto da indisciplina, causas e desdobramentos, de forma que possam conhecer, discutir e refletir a respeito do tema.
- Trazer a luz as regras utilizadas pela escola, discuti-las em grupo de professores e equipe gestora e se preciso reformula-las e discuti-las com o grupo classe.
- Proporcionar ao grupo (equipe e professores) da escola, momentos que possibilitem a prática da reflexão em conjunto, textos e vídeos motivacionais, que facilitará aos membros da equipe e aos professores o desenvolvimento do hábito de dialogar entre si, trocar idéias e práticas que dão certo ante os processos de indisciplina.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil. A questão da indisciplina em sala de aula**. 11 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, SP: SUMMUS, 1994.

ARROYO, Miguel G. **Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e autoimagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 Ed. São Paulo, SP: Pearson, 2007.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas**. 18 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CERVO, A.L; BERVIAN, P.A. **Metodologia Científica**. 4 Ed. São Paulo: MAKRON Books, 1996.

DAYAN, Silvia Parrat. **Como Enfrentar A Indisciplina na Escola**. 2 Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2015.

DEMO, Pedro. **Professor/Conhecimento**. UnB, 2001. Disponível em: <http://www.omep.org.br/artigos/palestras/08.pdf> (acesso em 29/11/2015).

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação Pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 4 ed. Portugal: Porto Editora 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1981.

GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo na Contemporaneidade**. Incertezas e Desafios. 4 Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado. Uma mudança necessária**. São Paulo: Cortez, 2016.

LA TAILLE, Yves de. **Indisciplina disciplina Ética, moral e ação do professor**. 5 Ed Porto Alegre: Mediação, 2013.

LIMA, Elvira Souza. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP. Editora Pedagógica e universitária, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. 4 Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VASCONCELLOS, Celso Dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar fundamentos para o trabalho docente**. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

VIGOTSKI, Lev S. **A Formação Social da Mente**. 7 Ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007

Livros lidos e consultados e citados para acrescentar nas referências:

AQUINO, Julio Groppa (1996) *Indisciplina na Escola Alternativa Teóricas e Prática*. São Paulo: Summus

AQUINO, Julio Groppa (1996) *A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento*, p.39-55

AQUINO, Julio Groppa (1998) *Cadernos Cedes*, ano XIX, no 47

Aquino, J. G. (1998). *A indisciplina e a escola atual*. *Revista da Faculdade de Educação*, 24,181-204.

BOARINI, Maria Lucia. *Indisciplina escolar: uma construção coletiva*. *Revista Semestral Da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. Maringá, v.17, n.1, Jan–jun. 2013.p.123-131. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572013000100013>. Acesso em: 21 fev. 2018.

FREITAG, B. *Escola, Estado e Sociedade* 4. Ed. São Paulo Moraes, 1980.

LA TAILLE, Yves de. *Moral e Ética – Dimensões Educacionais e Afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LA TAILLE, Y.; PEDRO-SILVA, N.; JUSTO, J. S. *Indisciplina/Disciplina: ética, moral e ações do professor* 4. Ed. – Porto Alegre/RG: Mediação, 2012

